



GÊNESE E REDEFINIÇÃO DO MEIO AMBIENTE COMO UMA CAUSA PÚBLICA

Naiane Alves dos Santos¹

RESUMO

O trabalho insere-se dentro de uma problemática de investigação mais geral que averigua as condições e as dinâmicas sociais, políticas e culturais de emergência e de transformação da defesa das causas ambientais em Sergipe. De maneira mais específica, tratou-se de avaliar o processo de expansão e de diversificação das organizações, mobilizações e protestos ambientalistas juntamente com o uso das mídias sociais no estado. O foco da análise foi a investigação das particularidades do contexto político, e das concepções de sociedade que fundamentam as definições da atividade militante, assim como dos tipos de recursos e de vínculos sociais associados ao ser exercício. A partir da análise pode-se investigar as principais mídias sociais usadas pelas organizações em defesa do ambientalismo no estado de Sergipe e como se dá o uso das mesmas. O trabalho aponta um papel importante das mídias sócias para o crescimento e força das organizações ambientalistas no estado.

Palavras-chave: Causa Pública; Ambientalismo; Mobilizações.

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) na Universidade Federal de Sergipe (UFS); Licenciada e Bacharelada em Ciências Sociais pela referida Instituição; Integrante do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP); e-mail: eunaianealves@gmail.com

Introdução

O presente artigo tem em vista analisar as condições e as dinâmicas sociais, políticas e culturais de emergência e de transformação da defesa de causas ambientais em Sergipe. Antes de tudo, é válido destacar que o estudo aqui empreendido é decorrente de um desdobramento e realização de pesquisas anteriores². Toma-se como ponto referencial a análise dos repertórios organizacionais e as dinâmicas de ação coletiva vinculados às mobilizações e protestos públicos que ocorrem no estado. Trata-se de destacar as condições sociais, culturais e políticas que influenciam nas mobilizações em torno da defesa de causas ambientais, bem como os atores engajados nas organizações ligados ao ambientalismo no estado.

Os estudos que abordam a temática ambiental tiveram ascensão a partir de grandes movimentos sociais e conferências que culminaram em mudanças ideológicas e institucionais a respeito da questão ambiental, destacando-se como um dos marcos principais do período a realização, em 1972, da Conferência de Estocolmo. Esse assunto ganhou destaque no cenário mundial, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Tratando-se do século XX, a revolução ambiental foi uma das que mais contribuíram para mudanças nos valores.

No Brasil, a defesa das causas ambientais teve projeção a partir dos anos de 1970, momento em que passa a ser integrada à “agenda dos problemas nacionais”. Desse modo, os problemas ambientais começam a ocupar espaço crescente nos meios de comunicação e na opinião pública, mobilizando grupos em torno da defesa ambiental e formando o que se pode denominar de consciência ambiental no país (Loureiro, Pacheco, 1995). Devido ao cenário nacional naquele momento, decorrente das desigualdades sociais oriundas do crescimento econômico, os movimentos sociais encontravam-se voltados mais para a problemática da pobreza

² A minha relação com o tema é procedente da minha trajetória acadêmica devido a minha participação em pesquisas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) sob coordenação do pesquisador e prof. Dr Wilson José Ferreira de Oliveira de 2015 a 2017, nas pesquisas intituladas “Etnografia Política da Defesa Ambiental como uma Causa Pública” e “Gênese e Redefinição do Meio Ambiente como uma Causa Pública”.

do que para questões ambientais. Dentre as principais reivindicações, mobilizações e organizações, a poluição foi um traço recorrente em várias regiões do Brasil.

A emergência do ambientalismo no Brasil se mostrou de forma crescente a partir dos anos de 1970, porém não se reduz a essa década. Desde o final do século XIX a defesa de espécies animais, parques nacionais e vegetais passaram a ser objeto de formulações governamentais e da ação desenvolvida por associações ambientalistas em diferentes regiões do Brasil, sendo mais culminante em certos estados das regiões sudeste e sul (Loureiro, Pacheco, 1995; Urban, 2001; Alonso, Costa, Maciel, 2007; Oliveira, 2008; Oliveira, 2015). Com isso é possível perceber que o ambientalismo reduzido à década de 1970, estava estreitamente vinculado às causas de preservação e conservação de sítios, recursos naturais, animais, lagos, etc.

Na década de 1980, as formas de participação na defesa de causas ambientais se diversificaram (Alonso; Costa; Maciel, 2007; Oliveira, 2015). Ocorreu nesse período uma imensa difusão no número de associações ambientalistas, havendo um aumento muito grande de organizações e de participantes nas mobilizações (Carvalho e Scotto, 1995). Essas mudanças decorreram das transformações que aconteciam no cenário nacional ao chamado processo de redemocratização (Linz e Stepan, 1999). Esse processo é marcado por influências de organizações e grupos líderes, transformação no espaço escolar e profissional e a diversificação das redes sociais, vinculadas à formação acadêmica e da junção de organizações que trouxe o surgimento da militância múltipla.

Foi a partir de 1980, que o ativismo ambiental, o início da formação universitária e o mercado de trabalho ganharam “força” no país. As ações em defesa das causas ambientais passam a se expandir, ocorre à inserção de indivíduos com origens sociais mais baixas e heterogêneas, havendo o crescimento na demanda dessas ações voltadas ao meio ambiente que resultam da articulação do engajamento associativo em organizações ambientalistas com o intenso engajamento em organizações estudantis e partidárias (Oliveira, 2008).

Em Sergipe, a trajetória e originalidade dos movimentos em defesa do ambientalismo se caracterizam por conflitos ambientais conduzidos nas

organizações de moradores de bairros, que tinham o objetivo da luta pelos interesses da comunidade. Um grande movimento que marcou a defesa das causas ambientais em Sergipe foi o movimento contra a fábrica de cimento Portland em meados de 1980, dirigido pela Associação de Moradores e Amigos do Bairro América (AMABA). A população lutou não somente contra uma fábrica, mas sim contra um dos maiores grupos empresariais do país. Lutavam contra a poluição que a instalação da fábrica trouxe e estava prejudicando a saúde da população (Oliveira, 2008). Na década de 1980, surgem também os primeiros movimentos que abordavam o ambientalismo em Sergipe. A partir de 1990 há um aumento na quantidade de organizações no estado, algumas com enfoque em uma prática habitualmente de denúncias, e outras mais técnicas.

A exposição segue da seguinte forma: na primeira parte são apresentados dados sobre a gênese e a forma das mobilizações no estado a partir das organizações ambientalistas; na segunda parte, são apresentados e caracterizados dados sobre organizações ambientalistas que atuaram e que atuam na defesa ambiental, perfil dos engajados e a relação com as mídias sociais; e por fim, as considerações finais sobre o que foi apresentado.

1. Formas de mobilizações em Sergipe

Os novos movimentos sociais no Brasil e, em especial em Sergipe, originaram-se da implementação das estratégias de discussão surgidas no seio das lutas reivindicatórias. No estado, o movimento ambiental surge como uma preocupação contra elementos emergenciais. As mobilizações eram movidas por questões de preservação a fauna e flora sergipanas, a poluição dos rios e a problemática da questão de poluição das fábricas, principalmente aquelas que produziam produtos químicos.

Durante o final da década de 1970 e início de 1980, nos relatos de jornais sergipanos, um dos pontos fundamentais para a questão ambiental se consistiu nas

matérias relacionadas com o problema na fábrica de cimento Portland, segundo dados colhidos de pesquisas anteriores em Oliveira (2008) e Campêllo (2008).

Felizola (2012), enfatiza as estratégias de comunicação das organizações ambientalistas e as divide em três momentos: o primeiro (1983-1992), onde a comunicação do ambientalismo em Sergipe teve pouca ou quase nenhuma estratégia específica por parte das ONGs existentes. As mobilizações eram caracterizadas por produção de cartazes, confecções de folhetos, manifestações nas ruas com faixas, carros de som e camisas de protestos. As entrevistas em rádios eram muito importantes, pois possibilitavam atingir as camadas populares e informas mais pessoas. É Nesse mesmo período no estado, segundo Campêllo (2008) e Oliveira (2008), a forma de luta em defesa das causas ambientais teve como principal causa à poluição causada pela implantação da Fábrica de Cimento Portland instalada no bairro América, em Aracaju. Esse foi um momento de mobilizações constantes em defesa do ambientalismo.

A segunda fase (1992-1999) surge com um efeito mais interessante por causa da internet. Nessa década, algumas organizações fizeram sites e começaram a se comunicar com outros grupos populares, participando assim de redes de comunicações. Nesse período, ainda interligado ao anterior, surgem ações isoladas na mídia sergipana por parte das organizações do período, porém sem nenhum planejamento estratégico. As organizações nesses períodos tiveram uma característica de despertar a atenção da população em determinados momentos, de atrair um grande número de pessoas, mas de perder força no decorrer dos anos como podemos observar mais adiante no quadro 1.

A terceira fase se inicia no início dos anos 2000, onde o foco de várias organizações se caracterizou em gerar pautas em veículos alternativos e atingir o público mais ligado à internet. É a partir daí que a comunicação e mobilizações ganharam um novo formato. Com o passar do tempo a forte presença das TICs (Tecnologias de informações e Comunicações) surge como principal agente de mobilizações, divulgações e até mesmo denúncias de descasos referentes às questões ambientais.

As TICs tornaram-se de grande importância, pois alimentam os processos de mobilização, produzem uma difusão instantânea de comunicação, e estão produzindo um novo padrão de mobilizações (Silva, 2014). Na contemporaneidade as mídias sociais surgem como principal meio de difusão da informação instantânea, promovendo mobilizações com diversas opiniões nas redes sociais, e também promovendo encontros com intuito de manifestar. Mas isso não significa que as características das outras formas de mobilização não estejam presentes atualmente.

A pesquisa possibilitou perceber que o cenário referente às mobilizações mudou o que antes era promovido e protestado por determinado bairro ou comunidade e envolvia uma pequena quantidade de atores, na contemporaneidade alcança várias camadas sociais e um número maior de pessoas. Mostrando que com a ascensão dos meios de comunicação pequenas informações percorrem todo estado, o Brasil e até mesmo o mundo.

2. As organizações e sua relação com a mídia

Inicialmente, buscou-se identificar todas as organizações que atuaram e atuam no estado de Sergipe da década de 1970 até os dias atuais, com a finalidade de realizar um levantamento histórico dessas organizações e conhecer de que forma atuaram no estado em defesa do ambientalismo. Os primeiros registros sobre a defesa ambiental no estado surgem a partir da década de 80. Sendo assim, nenhum registro foi encontrado acerca do tema na década de 70. No decorrer da catalogação deparamo-nos com algumas dificuldades para obtenção dos dados, supõe-se que o motivo seja a baixa atividade, concretamente falando, da defesa da causa ambiental em Sergipe. Foi possível perceber que a questão ambiental é frequentemente abordada em organizações que tratam de assuntos mistos.

No mundo contemporâneo existe a forte presença das TIC (Tecnologias de informações e Comunicações) como principal agente de informação, mobilização, e divulgação. As TIC tornaram-se de grande importância para o processo de mobilização, produzem uma difusão instantânea de comunicação, e estão

produzindo um novo padrão de mobilizações (Silva, 2014). A pesquisa centrou-se na busca por organizações atuantes nas mídias sociais que usam esses meios de comunicação e difusão de informações para promover suas manifestações em prol do meio ambiente. Através de um acompanhamento das principais organizações em suas mídias sociais, foi possível realizar uma catalogação das mídias sociais mais utilizadas, das suas atividades, e das causas defendidas. O quadro apresentado a seguir demonstra a catalogação das principais organizações:

Quadro 1 – Principais organizações

Nome da Organização/Ano de fundação e termino	Atuação nas Mídias Sociais (site, facebook, blogs, etc).	Mídias sociais usadas pela organização	Principais atividades promovidas nas mídias sociais	Causas defendidas
ASPAM – Associação Sergipana de Proteção Ambiental 1983-1998	Não	Não foi encontrado nenhum uso das mídias sociais.		<ul style="list-style-type: none"> - Preservação da Mata Atlântica, mangues e reservas ambientais; - Campanha em defesa do mangue da Coroa do Meio e da Treze de Julho, Aracaju; - Projeto de coleta seletiva no São Conrado, Aracaju;
MOPEC - Movimento Popular Ecológico de Sergipe 1991	Não	Não foi encontrado nenhum uso das mídias sociais.		<ul style="list-style-type: none"> - Defesa da Serra de Itabaiana, - Manifestações contra a Orla de Atalaia; - Atuação na implementação da Mata do Junco, Capela, Sergipe;
Pensar Verde 1985-ano do	Não	Não foi encontrado nenhum uso das		<ul style="list-style-type: none"> -Projetos de Defesa da Serra de Itabaiana; - Manifestação contra

término não encontrado		mídias sociais.		a destruição do mangue da Treze de Julho – Aracaju;
Água é Vida 1998	Sim	- Facebook e site.	<ul style="list-style-type: none"> - Informações sobre o meio ambiente; - Vídeos sobre o meio ambiente e qualidade de vida; - Notícias sobre atualidades, animais e sustentabilidade; - Dicas de preservação ambiental; - Resultados de projetos; - Fotos e vídeos sobre mudanças no meio ambiente; - Notícias ambientais do estado; - Trilhas ecológicas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetos de Defesa da Serra de Itabaiana; - Denúncias de poluição nos rios Piaitinga e Piauí; - Recuperação do riacho das capivaras; - Monitoramento de rios; - Campanhas educativas em parceria com outras ONGs, etc.
Sociedade SEMEAR – Sociedade dos Estudos múltiplos, Ecológica e de Arte 2001	Sim	- Facebook e site.	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos sobre conscientização de preservação de rios; - Divulgação e fotos de ventos sobre a preservação ambiental; - Informações sobre sustentabilidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação ambiental de comunidades; - Educação ambiental; - Desenvolvimento urbano ambiental em cidades do estado;

Instituto Canto Vivo 2001	Sim	- Facebook e site	<ul style="list-style-type: none"> - Promove divulgação de cursos de plantio e manejo; - Notícias sobre ambientalismo; - Divulgação de notícias em prol de meio ambiente no estado; - Fotos e vídeos da realização dos cursos e projetos; - Divulga suas exposições de plantas; - Divulgação de documentários sobre temas relacionados ao meio ambiente; - Promove feira de compra e de troca de sementes; - Divulgação de projetos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Plantio de sementes; - Reflorestamento pelo estado; - Inclusão verde; - Reutilização e Reciclagem;
Instituto Árvore 2003	Não	Não foi encontrado nenhum uso das mídias sociais.		<ul style="list-style-type: none"> - Projetos de Defesa da Serra de Itabaiana; - Manifestação contra a destruição do mangue da Treze de Julho – Aracaju;
Ciclo Urbano 2007	Sim	- Facebook e site	<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação de fotos de pessoas de bicicleta pela cidade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a utilização das bicicletas na cidade de Aracaju; - Oficinas mão na roda; - Rua Viva; - Desafio Intermodal;

			<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação de vídeos de cidades pelo mundo cujo as pessoas trocam os carros pelas bicicletas; - Divulgação de projetos; - Divulgação do projeto pelo mundo; - Promove passeios ciclísticos; - Notícias sobre reivindicações por mais bicicletários e ciclovias em Aracaju; 	- Bicicletada Aracaju;
Fórum em Defesa da Grande Aracaju 2009	Sim	- Facebook	<ul style="list-style-type: none"> - Denúncias sobre falta de saneamento ambiental na grande Aracaju; - Notícias sobre cidades modelo em sustentabilidade pelo mundo; - Expõe problemas do esgoto da grande Aracaju; - Expõe a expansão imobiliária sem planejamento em áreas que deveriam ser preservadas; - Notícias sobre ambientalismo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Melhoria de vida na grande Aracaju; - Planejamento urbano ambiental em relação ao uso do solo em Aracaju; - Qualidade de vida dos cidadãos; - Fauna e flora da região metropolitana de Aracaju;

			- Divulgação de palestras, cursos e trilhas.	
--	--	--	--	--

Em outra etapa da pesquisa, estabeleceu-se contato com membros de organizações e pessoas que atuam ou que atuaram em defesa do ambientalismo no estado. Para o levantamento dos dados foi realizado um roteiro de entrevista para identificar o perfil dessas pessoas engajadas na defesa ambiental, e analisar a importância e uso das mídias sociais em suas vidas e nas organizações que fazem parte. O roteiro abordou desde questões socioeconômicas, a questões sobre o que é deliberado e postado nas mídias sociais.

Foram aplicados cinco roteiros, um deles a Ana Carolina Nogueira, responsável por projetos do Instituto Canto Vivo e outro a Cristiane Nogueira, diretora do Instituto Canto Vivo. Outro roteiro foi aplicado ao Coordenador do Fórum em Defesa da Grande Aracaju, Firmo Santos (Firmo do Robalo). Outro a José Raimundo da Paixão, ambientalista que atuou no interior do estado na recuperação de riachos e nascentes entre o final dos anos 90 e início dos anos 2000, juntamente com alguns professores do departamento de Engenharia Florestal da UFS, porém não está engajado em nenhuma organização. E por fim, Natália de Jesus, que faz parte do projeto Bichos do Campus (UFS). Assim, foram identificados cinco diferentes perfis.

Os dados obtidos com os roteiros estão expostos abaixo em forma de tópicos-resultados. A maioria das repostas dadas pelos entrevistados são semelhantes, principalmente ao que diz respeito às mídias sociais.

QUADRO 2 – Dados do roteiro

Nível de instrução: Dos cinco roteiros aplicados apenas uma pessoa não possui nível superior.
Faixa salarial: Todos os membros estão numa faixa salarial acima de dois salários mínimos.
Participação em outros espaços políticos: Apenas 1 (um) manteve/mantém participação em grêmios estudantis, centros acadêmicos e partidos políticos.
Uso das redes sociais: Sobre o lugar de uso das redes sociais em suas vidas, apenas um dos entrevistados não faz o uso delas para o trabalho, militância, comunicação, informação, divulgação, e acompanhamento de notícias.
Redes mais utilizadas: Dentre as redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp, Site, Blog, etc.) as que possuem maior utilidade na vida dos entrevistados(a) são Facebook e WhatsApp.
Redes sociais para o engajamento militante: Apenas 1 (um) dos entrevistados, não integra as redes sociais em seu engajamento na militância e não as percebe como forma fundamental e necessária para o alcance de mais resultados.
Administração das redes sociais: As redes sociais das organizações são administradas por uma pessoa responsável pela parte de divulgação, ou pelos respectivos voluntários e integrantes. O que é postado é deliberado de acordo com as informações, notícias, e eventos que vão surgindo.

Os perfis dos entrevistados se aproximam quando o assunto é uso das redes sociais na causa ambiental. Apenas 1 (um) revelou possuir vínculo com partido político. Apenas 1 (um) dos respondentes não está engajamento em nenhuma organização e não mantém atividade de militância em defesa do meio ambiente em mídias sociais.

“Nos dias de hoje deve ser muito mais fácil lutar pelas causas ambientais devido aos meios de comunicação, tudo que se faz hoje em dia se posta no facebook e isso tem um alcance e tanto. Na minha época as notícias e divulgações eram feitas de boca em boca ou por telefone. Eu entrei nessa causa por causa do riacho da Taboca e depois conheci o professor Genésio da UFS através de contatos, conhecidos, e foi então que trabalhamos juntos por um tempo. ” (Jóse Raimundo da Paixão em entrevista. 21 de junho de 2017).

Através dos dados, foi possível perceber a forte influência que as mídias sociais têm sobre essas organizações e movimentos. Assim como vários segmentos

da sociedade, os protestos e mobilizações em defesa do meio ambiente avançaram junto com o avanço tecnológico.

A rede social Facebook é a que mais se destaca como nova forma de divulgação e de promoção de informações, essa ferramenta possibilita as organizações a ter um alcance maior de público e da difusão de suas atividades. O WhatsApp aparece como forma de comunicação rápida e espontânea para conversas cotidianas. Os sites são utilizados de forma mais formal e institucional. A pesquisa aponta para a importância que as mídias sociais possuem na caracterização e no crescimento das organizações político-participativas, e como elas foram integradas às novas formas de participação política.

Considerações Finais

Para o sociólogo Manuel Castells (1999), o movimento ambiental se destacou como o movimento que melhor soube se adaptar às inovações surgidas a partir da incorporação das tecnologias de comunicação na mobilização. No âmbito das ações coletivas, especificamente no ativismo ambiental, a comunicação mediada se apresenta como recurso de natural relevância, mas de consequências e desdobramentos ainda pouco conhecidos.

Diante das perspectivas abordadas buscamos neste artigo analisar ascensão do ambientalismo no Brasil e, especificamente, no estado de Sergipe. Mostrando sua gênese e mudanças que ocorreram nas formas de comunicações e mobilizações ao decorrer do tempo. A pesquisa possibilitou o conhecimento das organizações atuantes nas mídias sociais e como elas fazem uso desses meios de comunicação e difusão de informações para promover suas manifestações em defesa do ambientalismo no estado.

Podemos constatar que avanço das formas de comunicação e difusão de informações através das mídias sociais modificou o cenário das mobilizações ocasionando uma redefinição. Os dados mostraram que as questões voltadas à defesa ambiental, encontraram nas mídias sociais, em especial, no Facebook, um

meio de crescimento, reconhecimento e consolidação das lutas em defesa do meio ambiente.

Os aspectos apresentados nessa pesquisa só nos faz instigar ainda mais a investir num estudo cada vez mais profundo e observacional sobre como as organizações ambientalistas vêm transformando suas bases pela incorporação dos valores midiáticos nas práticas sociais individuais e coletivas. É também de suma importância o entendimento sobre as problemáticas que envolvem as dinâmicas das redes e sua associação com os movimentos sociais, especificamente o ambiental.

Referências Bibliográficas

ALONSO, A., COSTA, V., MACIEL, D. A. **Identidade e Estratégia na Formação do Movimento Ambientalista Brasileiro**. In: NOVOS ESTUDOS CEBRAP, 79, novembro 2007, p. 151-167.

CARVALHO, I. C. de M., SCOTTO, G. (coords.). **Conflitos Sócio-Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro, Graphos, 1995, p. 25-101.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FELIZOLA, Matheus Pereira Mattos. **A trajetória dos movimentos socioambientais em Sergipe: personagens, instituições e estratégias de comunicação**. 2012. 290 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

LINZ, J. J., STEPAN, A. **A transição e consolidação da democracia: a experiência do Sul da Europa e da América do Sul**. 2.ed. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LOUREIRO, M. R., PACHECO, R. S. **Formação e Consolidação do Campo Ambiental no Brasil: Consensos e disputas (1972-1992)**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, out/dez, vol 29, nº 4, p. 137-153, 1995.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. **“Movimento social e conflitos socioambientais no bairro America – Aracaju/SE: O caso da companhia de cimento PORTLAND de Sergipe (1967-200)”**. 2008.

OLIVEIRA, W. J. F. **Repertórios, Diferenciação e Profissionalização da Defesa Ambiental**. Civitas, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 528-545, jul.-set. 2015.

SILVA, M. K. **O Novo Padrão de Mobilização dos Protestos de 2013.** In.: CATTANI, A. D.. #protestos: análise das ciências sociais. 1. ed. PORTO ALEGRE: Tomo Editorial, 2014.

URBAN, T. ***Missão (quase) impossível: aventuras e desventuras do movimento ambientalista no Brasil.*** São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

